

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

COMPRE E LEIA

“CARA ALEGRE”

A melhor revista portuguesa de humorismo

À venda nas Livrarias - Preço 4800

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 64 — Domingo, 29 de Agosto de 1954

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ELEMENTOS

ESCLARECEDORES

PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Pesca do listado O ano passado, em meados de Setembro e nos princípios de Outubro, o pessoal das duas enviadas «Irma Mateus» e «Camarão» entreteve-se a ensaiar a pesca do listado na nossa costa, e em quatro dias de pescaria vendeu 15.759\$00 desses peixes, com 2/3 quilos cada, os quais foram aproveitados para a indústria. Não seria interessante fazer este ano nova tentativa, mas com maior número de barcos que assegurassem fornecimento mais valioso desse apreciado peixe?

Como se sabe, a pesca faz-se à linha e não exige grandes capitais. Além do que esta nova tentativa podia revelar, com mais evidência, conhecimentos acerca da passagem dos listados na nossa costa.

Valor da pesca Utilizando os numerosos publicações no utilíssimo «Boletim Informador da Lota e Porto de Vila Real de Santo António», verificamos que o ano passado, em Julho, venderam-se na nossa lota 8.234.719\$80, e este ano, no mesmo mês, apenas 7.836.103\$90.

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

Visado pela Comissão de Censura

EM HONRA

DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO

PADROEIRA DESTA VILA

celebram-se cerimónias religiosas de 2 a 5 de Setembro

TÉM início no dia 2 de Setembro as solenidades religiosas em honra da Padroeira desta vila, Nossa Senhora da Encarnação, que se prolongarão até domingo, dia 5.

Segundo o programa, que já se encontra elaborado, as cerimónias para os dias 2, 3 e 4 constam de serviço de confissões, às 16,30 horas, e tríduo solene preparatório, com sermão, exposição e bênção do Santíssimo, às 21,30 h.

No domingo, dia 5, haverá, às 9 horas, missa, comunhão geral e prática adequada; às 12 horas, missa solene e sermão; às 18,30 horas, procissão com a veneranda imagem de Nossa Senhora da Encarnação, na qual se incorporarão todas as associações religiosas da paróquia, com insígnias e estandartes, e sermão, ao recolher, pelo ilustre orador sacro Rev. cônego dr. Francisco Maria da Silva, a quem foi confiada toda a pregação.

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

CARTA DE SINES NÃO SE REALIZAM

Pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

ENQUANTO lá longe a perfídia nehru... sténica persiste em desenrolar-se ou em impender, como nona espada de Damocles, sobre as terras portuguesas do Hindustão, com a mesma lógica incorporativa-libertadora que a Polónia poderia aplicar ao território alemão da Prússia Oriental, ou a Suíça ou a Austria ao vizinho Liechtenstein, a França ou a Espanha ao vale de Andorra, a Bélgica ao Luxemburgo, a Itália à encravada república de S. Marino, — ou, enfim, a China, o Tibet ou a Rússia à Índia

A PONTE DE CASTRO MARIM

NECESSITA DE URGENTE REPARAÇÃO

CHAMAMOS a atenção das entidades competentes para o estado de quase ruína em que se encontra a ponte de ferro da estrada que liga Vila Real de Santo António a Castro Marim, e que oferece perigo iminente para o trânsito intenso que por ali se faz diariamente. O pavimento, que é em ferro, encontra-se esburacado, e os rebordos desses buracos, com puas aceradas, põem em perigo constante os pneus dos numerosos veículos automóveis que por ali transitam, pois trata-se da estrada que liga o Algarve com o Baixo-Alentejo e Lisboa. Esperamos que as entidades a quem o caso diz respeito providenciem com a urgência que as circunstâncias aconselham.

da própria União actual — libertação, aquela, que, bem entendido, não passa de um novo avatar... pacifista, da velha máxima rapinante, pela qual Frederico II, o grande... mestre, entrara na Silésia, e que, no seu cinismo franco, não tinha pejo de proclamar como a de engrandecimento da sua nação: «agarrar-se quando se pode, e nunca se deixa de ter razão a não ser quando se é obrigado a restituir pela força»; enquanto lá longe a escaramuça lamentável decorre, despertando a salutar reacção e elevando em todo o orbe civilizado um clamor de indignada reprobção, nesta terra de Sines, onde precisamente veio à luz aquele Vasco da Gama que ao mundo ocidental veio revelar aonde, indo por mar integralmente, se encontrava a Índia maravilhosa que Colombo em vão buscara pelo mar livre do lado oposto; nesta modesta vila de Sines, a vida continua, nesta época balnear, a ser do mesmo ritmo e do mesmo tipo de todos os anos: grande frequência de banhistas se, no Baixo-Alentejo, as colheitas foram razoáveis, mas fraca concorrência se foram ricas, porque, então, vai-se para mais longe, ou — em viagem pelo estrangeiro...

Em compensação, porém, são os estrangeiros, sobretudo franceses, que aqui acorrem, cada vez mais maravilhados com as belezas do nosso Portugal e em particular com o clima e a amenidade desta praia radiosa e serena.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

IV GRANDE CONCURSO

DE PESCA DESPORTIVA

organizado pelo Clube de Vela de Lagos

QUER pelos êxitos alcançados nos anteriores concursos de pesca desportiva de mar, organizados pelo Clube de Vela de Lagos, quer pela categoria e número de concorrentes, quer, ainda, pelos excelentes resultados obtidos, é de esperar que a competição marcada para o próximo dia 19 de Setembro, obtenha muito maior relevo que as anteriores. Este IV Grande Concurso de Pesca Desportiva de Mar (área livre), que o Clube de Vela de Lagos promove, em que serão disputados troféus, taças e medalhas no valor de muitos milhares de escudos, conta com o alto patrocínio do Secretariado Nacional de Informação e da Comissão Municipal de Turismo de Lagos, além de outras entidades oficiais e particulares.

O Concurso será disputado por clubes devidamente legalizados e concorrentes devidamente inscritos nas Associações Regionais de Pesca Desportiva, ou suas congéneres estrangeiras, com equipas de dois elementos, havendo, também, uma classificação individual.

As zonas de pesca são as compreendidas no trecho da costa entre o molhe-caes de Lagos e a foz da ribeira da Carrapateira, zona verdadeiramente privilegiada para este género de desporto.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

ATRAVÉS DO PASSADO

CRÍTICA LITERÁRIA

Por MARCOS ALGARVE

DOIS dissabores de polpa me causaram os quatro artigos sobre as minhas visitas a Sagres, publicados há poucas semanas neste jornal da fronteira portuguesa.

Conhecidos e apertados os laços que unem Portu-

gal à Espanha — na sua dupla vida espiritual e material — eu senti-me mal colocado perante uma galha que alterou o meu pensamento a respeito das sextas feiras na minha terra natal. Solicitei uma rectificação e fui prontamente atendido. Demostrei que não era judeu e que, dentro da mesquinha existência terrena, ensaio um alto vôo para que S. Pedro me receba de braços abertos...

Hoje, porém, outra galha

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

tes, e somos, portanto, tão susceptíveis de nos entendermos como um chinês e um patagão discutindo. Nenhuma luz brota da nossa

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

A ÚLTIMA CARTA...

Por JOÃO A. MENDES LEAL

Meu caro Amigo PERMITA-ME que o trate assim. Uma divergência de opinião de maneira nenhuma implica uma maior ou menor simpatia, e não deve ser de molde a afastar duas pessoas igualmente sinceras.

Esta carta considero eu como o último passo da nossa tão curta e tão pouco elucidativa polémica. Nada ganhamos com ela, e temo que os nossos pacientes leitores também não. E isso é o pior, dado que, da tribuna, onde falamos, nos dirigimos principalmente a eles. Está provado que falamos linguagens diferen-

CASINO

DE MONTE GORDO

NO próximo sábado, 4 de Setembro, brilhará, no magnífico Casino da Praia de Monte Gordo, um notável conjunto de ESTRELAS DE PORTUGAL, grande organização artística em que participam Júlia Barroso, Francisco José, Sílvia Maria, Zurita de Oliveira, Armando Marques Ferreira, Fernando Ribeiro, João Pedro e o famoso Conjunto Sem Nome (que oferece a enorme vantagem de cada um lhe chamar o que quiser...).

Como não pode deixar de ser, tão brilhante constelação promete constituir, pela luminosidade do conjunto de talentos, uma das mais animadas noites, no Casino, da presente época balnear.

E, como complemento da interessante iniciativa do «Diário de Notícias», o Grande Concurso das Praias (construções na areia), outro grande concurso vai entusiasmar as frequentadoras (e frequentadores, evidentemente) do Casino: o da mais bonita voz das praias de Portugal, com a eleição da melhor voz de

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

NA PRAIA DA RÓCHA

GRANDES PROVAS

DE TIRO AOS POMBOS

promovidas pelo Portimonense Sporting Clube

NO cenário maravilhoso da Praia da Rocha, vão ter lugar, nos próximos dias 4, 5 e 6 de Setembro, promovidas pelo Portimonense Sporting Clube, grandes provas de tiro aos pombos, patrocinadas pela Federação Portuguesa de Tiro a Chumbo.

No sábado, dia 4, iniciar-se-á o certame, pelas 14 horas, com a «Prova de Abertura» (taças Com-

panhia de Seguros Douro e Turismo). No dia 5, domingo, realizar-se-á a «Prova Praia da Rocha» (taças Portimonense e Sol do Algarve). No dia 6, pelas 13 horas, efectuar-se-á a «Prova Câmara Municipal» (taças Atiradores Alentejanos e Vencedores).

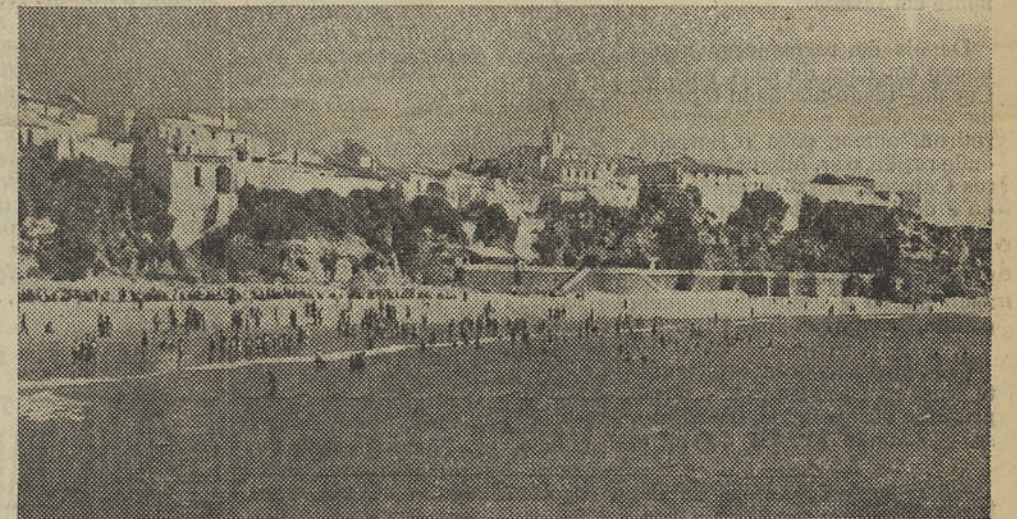
O total das taças disputadas neste torneio é de 20, todas elas muito valiosas.

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)



Dr. Cruz Malpique

EM goso de férias, encontra-se na vila Praia de Ancora, com sua esposa, o nosso distinto colaborador, sr. dr. Manuel da Cruz Malpique, professor do Liceu de Alexandre Herculano, no Porto.



EM virtude dos graves acontecimentos verificados nos sssas províncias da Índia, a Câmara Municipal de Albufeira, numa atitude nobre, de compreensão pela gravidade do momento, suspendeu a realização das tradicionais Festas Populares daquela simpática vila — que já estavam anunciadas para os dias 28, 29 e 30 deste mês.

Deliberação que dignifica quem a tomou e nobilita aquela encantadora vila algarvia, corresponde perfeitamente aos sentimentos de indignação e repulsa de todos os algarvios pela agressão covarde e traiçoeira à nossa soberania.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

ROTEIRO

META FÍSICO

Por N. RODRIGUES PENA

PESAR dos anos que tenho vivido na cidade, nunca a consigo seguir compreender. Aqui está ela, desenrolando-se à frente dos meus olhos, com as suas milhares de luzes cintilando na noite, como plagiando as estrelas que o céu ostenta nesta noite escaldante de Agosto.

Não, nunca consegui compreender a cidade. Vindo dum mundo onde os mais pequenos acontecimentos da vida repercutiam os seus ecos nas almas de todos, a cidade foi-me sempre estranha, hostil na sua grandeza, dramática nos seus segredos e mistérios que ciosa e avaramente oculta. Um grito na aldeia era na verdade um grito perturbante, amargo e humano. Na cidade, quando se grita, as paredes das casas sufocam-no, amordaçam-no na sua

indiferença e ninguém se apercebe da tragédia que cada um traz consigo. As relações pessoais nos grandes centros urbanos processam-se numa forma breve, de modo a não criarem as necessárias raízes que estruturam as sólidas ligações humanas. Milhares de pessoas aqui vivem e morrem, sem que os outros tenham notado a sua existência.

Neste mundo vasto, que é a cidade, os laços humanos são frágeis e breves como é rápida e vertiginosa a sua vida. Os contactos humanos estabelecem-se, quase exclusivamente, através das funções económicas, a que cada um está ligado para viver.

Fora dos locais de trabalho, o homem vai render, entre as quatro paredes dum quarto, as mil angústias

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com sua esposa e gentil filha, Maria Cristina esteve durante alguns dias nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Joaquim da Palma Rita, chefe da secção de processos do Tribunal Judicial de Sintra.

De regresso da sua viagem a Itália, França e Espanha, encontra-se a passar alguns dias na Praia da Rocha, o sr. dr. Luís Filipe Avilez Schmidt da Costa, nosso querido amigo e prezado assinante em Lisboa.

Depois de permanecer algum tempo em casa de seus pais, em Cacula—tendo-nos dado o prazer da sua visita nesta Redacção—, retirou, ontem, para o Barreiro, onde reside, o sr. Manuel dos Santos Cabanas, nosso prezado amigo e distinto colaborador.

Já regressou a Tânger, acompanhado de sua família, o nosso prezado amigo e assinante naquela cidade, sr. Manuel José Dias.

Com pouca demora, esteve nesta vila, com sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante em Portimão, sr. Sezinando Ribeiro de Horta.

Em viagem de negócios, encontra-se em Madrid, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Matias Barroso Gomes Sanches, vice-presidente da Câmara Municipal desta vila.

Em goso de férias, encontra-se nesta vila, com sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. engenheiro-agrônomo João Le Cocq Abecasis.

Encontra-se nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante, sr. engenheiro Maurice D. M. Falconer, director da Mina de S. Domingos.

Está a veranejar em Monte Gordo, com sua família, o sr. engenheiro José Gaudêncio de Campos Pessanha Barbosa, nosso querido amigo e prezado assinante, em Lisboa.

Já regressou das Caldas de Monchique, o nosso prezado amigo sr. dr. Alonso Vasques, ilustre presidente da Câmara Municipal, desta vila.

Está a passar as suas férias em Maçal do Chão, Beira Alta, o sr. Norberto Rodrigues Pena, nosso prezado amigo e distinto colaborador.

Encontra-se entre nós, de visita a sua família, o nosso amigo e estimado assinante em Lisboa, sr. Francisco Medeiros Aleixo.

Encontra-se a passar o verão, na sua casa do Mir'Alva, Torrezelo-Seia, o nosso distinto colaborador e prezado amigo, sr. João António Mendes Leal.

De regresso de uma viagem a África, com o «team» do Sporting Clube de Portugal, de que faz parte, encontra-se nesta vila, de visita a seus pais, o sr. Manuel Caldeira, nosso prezado assinante em Lisboa.

Esteve alguns dias nesta vila, com sua esposa e filhos, o sr. João Carlos Ramires, nosso estimado assinante em Aljustrel.

Com seu filho, Alvaro Campero Munhoz, encontra-se em Lisboa, o nosso prezado assinante sr. Manuel António Munhoz, proprietário da Electrificadora Pombalina, nesta vila.

Encontram-se nesta vila, de visita a seu tio, sr. Artur da Rosa Botequilha, os nossos prezados assinantes srs. João Eusebio Damasceno Botequilha e Amândo Rosa Botequilha, residentes em Lisboa.

Esteve alguns dias nesta vila, acompanhado de sua esposa e filha, o sr. José Maria da Piedade Barros, proprietário e editor do nosso colega «A Voz de Loulé».

De visita a sua família, esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o sr. Manuel Francisco Aleixo, nosso prezado assinante, residente em Lisboa.

Nascimento

Em Braga, onde reside, deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Maria Emília Jacinto Fernandes Neves, esposa do sr. capitão José Maria Adriano Neves e filha do nosso prezado amigo e assinante, sr. João Marcelino Ribeiro Fernandes, gerente da agência do Banco Português do Atlântico nesta vila.

Mãe e filha encontram-se, felizmente, bem.

Casamento

No passado dia 25, celebrou-se, na Igreja paroquial desta vila, o

DUAS APRECIACÕES AO LIVRO "A ILHA DOS SONHOS MALDITOS?"

DE A. VICENTE CAMPINAS

em cartas dirigidas ao autor pelo artista Roberto

Nobre e o poeta Hernâni de Lencastre

«Vejo com prazer que não se esqueceu da poesia. O poeta em si não dorme e, mesmo na prosa, ele está, pois não é só a observação e efabulação — é também a poesia que deve estar na base de toda a obra de arte.

Dificilmente se pode destacar qualquer das suas poesias. Elas estão à mesma altura e unidade. Em todos os seus versos se sente a esperança ideológica, a sinceridade, a febre dos sonhos altos, dignos do Homem, plenos de Humanidade, sonhos que só podem ser considerados malditos porque, enquanto não são realidades, fazem sofrer.

Fiquei muito satisfeito por o ver senhora da sua forma, da homogeneidade a que chegou. De notar é a diferenciação que o seu instinto crítico fez, espontaneamente, entre a prosa e a poesia, no tocante a forma, sendo na poesia totalmente banidos os regionalismos. Tem toda a razão nisso. No romance e nos contos, dão-lhe carácter, pitoresco, riqueza, verdade local. Nos versos, pareceriam artificiais. Os problemas que evoca (no fundo eles são os mesmos) são de outra ordem intelectual e antinómica. Aqui é V. que se expressa, revelando os seus anseios íntimos. Nos contos, é a observação, a verdade colhida da realidade que o cerca.

Um abraço pela sua «Ilha» e os melhores, os mais sinceros votos de êxito.»

20-7-1954 Roberto Nobre

«Não li a crítica a que se refere, a respeito da sua «Ilha», nem, francamente, me interessa conhecê-la, desde que é nos termos que indica.

Quando leio prosa destes fabianos, a presumir petulantemente de «críticos», mesmo que eu não conheça o «crítico», tenho de suspender a leitura, que as náuseas não me deixam ir até ao fim.

O seu livro não merece a «pancada grossa» de que me fala. Há nele poesias que denunciam tão vibrante sensibilidade lírica que só um bruto não se aperceberá disso, e, desde que isso se tenha em conta, pode substituir-se uma ou outra das restantes composições, mas não se tem o direito de «espancar».

O que anteriormente tive ocasião de dizer-lhe a respeito do seu caso poético, quando tomei o contacto inicial com a sua poesia, o repito. A sua «Ilha» revela a presença de um poeta de delicada sensibilidade, fértil inspiração e suavidade de ritmos. A temática não é rígida, e até aquela em que se adivinham pendores sociais se mostra adoptada por saborosa nota lírica. Há um sopro de idealismo que não pode passar despercebido e uma leveza lírica que, só por si, se outros méritos não houvesse, salvariam, para um crítico bem intencionado, de boa fé e digno desse nome, o seu livro.

Em resumo, mande passear os que não sabem fazer outra coisa do que dizer mal seja do que for, e mantenha-se na sua rota de navegante da Poesia ainda que corrigindo, evidentemente, o rumo, sempre que haja desvios a corrigir em harmonia com a indicação das estrelas. Por outras palavras ainda, não desanime, pois enquanto sentir em si o facho da inspiração não será a «pancada» de qualquer um que o deve fazer periclitár.

casamento da sr.ª D. Alice Maria dos Santos, filha da sr.ª D. Maria Serafina dos Santos e do sr. Pedro Joaquim dos Santos, com o nosso camarada de trabalho sr. José Burgo Martins, filho da sr.ª D. Ludovina Néné Burgo e do sr. José Martins.

Serviram de padrinhos, por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Carolina de Brito Folque Socorro, e seu marido, sr. Pedro Martins Socorro, e, por parte da noiva, a sr.ª D. Luísa Socorro Folque, e seu filho, sr. Raul Miguel Socorro Folque.

Felicitemos o jovem casal, desejando-lhe, sinceramente, as maiores venturas.

Doente

Tem sentido sensíveis melhoras da grave doença de que foi acometido, há dias, o nosso prezado assinante, sr. Joaquim Ferreira Soares.

A este nosso amigo, desejamos-lhe, pronto restabelecimento.

O caminho de todo o poeta é sempre uma luta por novos horizontes, assinalada por inconstante ânsia de perfeição. Não pode ter, por isso, e precisamente porque tem verdadeira alma poética, a sensação de ter produzido obra perfeita. Nenhum poeta consegue jamais essa sensação, a não ser... quando deixa de ser poeta. Mas pode ficar ciente, isso sim, de que lançou no seu caminho mais um marco miliário que o não desonra. As imperfeições que tenha são absorvidas pelo conjunto da obra, que lhe oferece um saldo favorável. Prossiga, pois, meu caro poeta, dedilhando a sua lira, guiado por um sentido, sempre, de maior perfeição, e alheio ao vozear dos outros...»

7-8-1954

Hernâni de Lencastre

COLÓNIAS BALNEARES INFANTIS

CHEGOU no passado dia 25 a Monte Gordo, o 4.º turno da Colónia Balnear Infantil que a Câmara Municipal de Mértola, com a cooperação de alguns proprietários daquela vila, mantém nesta praia, a exemplo do que já fez o ano passado.

Estes turnos são constituídos por grupos de 52 crianças, tendo, o primeiro, início em 13 de Julho e devendo terminar o último no próximo dia 4 de Outubro.

Trata-se de uma iniciativa extremamente simpática e de um exemplo sob todos os aspectos digno de ser seguido, pelo que é justíssimo render merecidas homenagens à Comissão da Colónia, a que preside o sr. Eduardo José Raposo, ilustre presidente da Câmara Municipal de Mértola, e de que fazem parte os srs. dr. Manuel Francisco Gomes, dr. Fernando Castanheira Neves, dr. Matias José da Palma, António Passos de Lima e José Rodrigues Palma Júnior.

Também, por iniciativa da Direcção do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe do Barlavento do Algarve, encontra-se a estagiar na formosa praia do Vau, em Portimão, uma Colónia Infantil de Férias, constituída por filhos dos operários da indústria de conservas daquela cidade.

Iniciativa benemérita e digna do maior louvor, permite que crianças, com deficientes condições de vida, obtenham, num ambiente de conforto e carinho, os mais proveitosos resultados.

TRESPASSA-SE

Café «Beira-Mar», com quartos no 1.º andar, por motivo de retirada do seu proprietário. Negócio a tratar urgente.

Rua Serpa Pinto, 13 e 14 (frente à Lota do Peixe), Telef. 363—PORTIMÃO

CASA

Vende-se, localizada na Rua Cândido dos Reis, n.º 163, desta vila.

Tratar na Avenida da República, 118.



PROVINCIA

ALCOUTIM

Festas da Vila

Trabalha-se com afinco para que as festas a realizar este ano em 13, 14 e 15 de Setembro por ocasião da feira não desmereçam em brilho as dos anos anteriores. Para o fim altamente meritório a que o seu produto se destina — a participação da construção do Hospital subregional—espera-se que todos accorram com o seu donativo.

A frente da comissão encontra-se a benemérita e prestigiosa figura do sr. dr. João Francisco Dias e isso dá a todos certeza de que obra de relevo se há-de fazer.

Limpeza de poços

Lembra-se à Câmara a conveniência de, com a devida antecedência, proceder à limpeza dos poços que abastecem a vila. Muita gente vem às festas e não lhe deve faltar água.

Igreja Matriz

Vão muito adiantadas as obras da escadaria da igreja matriz. Tendo esta vila, pequena, 4 igrejas o que atesta o seu valor no passado, devem elas ser tratadas com carinho.

Partidas e chegadas

De visita a sua família encontra-se nesta vila, o engenheiro sr. Francisco Duarte do Rosário.

Com sua esposa e filha regressou no dia 25 a Lisboa, vindo de Macau, o nosso conterrâneo sr. tenente Rui Lopes da Trindade e Lima. — c.

Falecimento

No passado dia 22, faleceu, nesta vila, a sr.ª D. Laura da Cruz Samúdio, viúva, de 71 anos de idade, natural desta vila.

A extinta era mãe da sr.ª D. Maria Lúcia da Cruz Samúdio e do nosso prezado amigo sr. Afonso Samúdio, e irmã da sr.ª D. Maria Rosália da Cruz e do sr. José Estêvão da Cruz.

O funeral, que se realizou no dia seguinte ao do falecimento, foi muito concorrido.

À família enlutada, e em especial ao nosso amigo sr. Afonso Samúdio, apresentamos sentidas condolências.

UM AGRADECIMENTO

Do sr. prof. dr. Fernando Emygdio da Silva, ilustre presidente do Conselho de Administração do Jardim Zoológico de Lisboa, recebemos um cativante ofício agradecendo as referências feitas num dos últimos números deste jornal ao Parque das Laranjeiras e aos melhoramentos ali realizados ultimamente pela dedicada Administração do nosso Zoo.

Registamos e agradecemos desvanecidamente as amáveis palavras do ilustre Professor.

FÁBRICA DE MOSAICOS

Horta & Néné

Materiais Sanitários e de Construção Civil

Todos os artigos em Marmorito

Rua Camilo Castelo Branco, 2 Vila Real de Santo António

Agradecimento

A família de Rafael Gutierrez Neves, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se dignaram assistir ao seu funeral, ou lhe enviaram pêsames, e bem assim às que se interessaram pela sua doença, vem por este meio, demonstrar o seu grato reconhecimento.

CONCEIÇÃO DE TAVIRA

Festejos Populares

Promovidos pelo Centro de Recreio Popular da Casa do Povo, desta localidade, realizam-se hoje, no parque de diversões deste Organismo, interessantes festejos. Além dum animado baile, que será abrilhantado pela excelente orquestra «Jazz Imperial», com o seu distinto vocalista José Francisco, a exibição da consagrada artista da rádio Graciete de Melo, a vedeta da simpatia do público do Algarve, que recentemente esteve na África Francesa, tendo alcançado o maior sucesso e que se despede do público algarvio antes da sua partida para a Madeira. — c.

ELEMENTOS PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Frutos secos consumidos no País

Foram os seguintes os totais dos frutos secos, frutos desidratados e xaropes provenientes do Algarve e consumidos no mercado interno, em 1952: alfarroba, 10.691.703 quilos, no valor de 12.803.465 escudos; amêndoa em casca, 28.879 quilos no valor de 288.764 escudos; amêndoa em miolo, 41.461 quilos no valor de 927.326 escudos; figo, 7.246.144 quilos, no valor de 19.674.608 escudos; xarope de alfarroba, 121.915 quilos, no valor de 792.448 escudos.

Os atuns vêm da Austrália?

No estômago de um atum pescado, há dias, numa armação de Barbate (Cádiz) foram encontradas três moedas de cobre australianas com a efígie de Jorge VI e tendo no reverso um canguru. As referidas moedas, cunhadas nos anos de 1947, 1948 e 1951, foram enviadas para Santi Petri, de onde seguiram para o Instituto Biológico, a fim de se averiguar, se for possível, o caminho que seguem os atuns cuja vida e paradeiro continuam a constituir um mistério. Não terão as moedas sido atiradas por passageiro de qualquer navio?

Em todo o caso, isto parece demonstrar que o atum que periodicamente passa na nossa costa absorve alimento, o que contraria o que até agora se tem dito acerca das probabilidades da sua pesca com isco.

De 17 a 22 do corrente, a frota boniteira de Vigo capturou 184.650 quilos de bonito (albacora), no valor de 1.753.000 pesetas.

J. B.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António

De 20 a 26 de Agosto de 1954

TRAINEIRAS

| | |
|------------------------------|-------------|
| Infante | 45.190\$00 |
| Leste | 40.860\$00 |
| Maria Rosa | 37.720\$00 |
| Raulito | 33.755\$00 |
| Brisa | 31.075\$00 |
| Pinguim | 30.560\$00 |
| Flor do Guadiana | 29.470\$00 |
| Carmela | 27.207\$00 |
| Novo S. José | 25.372\$00 |
| Levante | 23.120\$00 |
| Liberta | 23.057\$00 |
| Flor do Sul | 20.960\$00 |
| Agadão | 20.535\$00 |
| Pérola do Guadiana | 17.550\$00 |
| Batinha | 16.280\$00 |
| Sam Domingos | 15.125\$00 |
| Janita | 13.070\$00 |
| Norte | 11.430\$00 |
| Boreal | 9.740\$00 |
| Tufão | 6.680\$00 |
| Toluis | 3.435\$00 |
| Persistente | 1.940\$00 |
| Alvarito | 1.590\$00 |
| Afonso Manuel | 1.575\$00 |
| Total | 487.296\$00 |

CÉRCOS

| | |
|--------------------------|------------|
| Amazona | 8.607\$00 |
| Atum da costa Algarvia | |
| 29 Atuns | 25.275\$00 |
| 5 Aturros | 2.208\$30 |
| 182 Albacoras | 36.690\$90 |
| 83 Cachorretas | 8.753\$30 |
| Total | 72.927\$50 |

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 21 a 27 de Agosto:

Entrados:

COLARES, Português, de 1.158 ton., de Certe, vazio.

PRIMOS, Português, de 109 ton., de Viana do Castelo, com madeira.

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:

COLARES, Português, para Saint Maló, com minério.

COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 28 de Agosto a 3 de Setembro, a Farmácia CARMO, Rua São João de Brito - Telefone 31.

Festas da Vila

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ção destas solenidades. As 22 horas, a excelente Banda de Tavira dará um concerto na Praça Marquês de Pombal, sendo, também, queimados vistosos fogos de artifício.

A exemplo do que se tem feito nos anos anteriores, é de esperar que todas as pessoas residentes em casas sitas nas ruas por onde passa a procissão, coloquem colgaduras nas janelas.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República

— Telefone 12 —

TRESPASSA-SE

em Portimão

A «Casa Chic», por motivo de retirada, sem existência. Bom local, servindo para qualquer ramo de negócio. Casa de habitação anexa. Rua da Igreja, 39 (antiga rua dr. António Cândido) em frente ao Liceu.



Confecções Viresa, L. da

FÁBRICA DE CAMISAS VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ROTEIRO METAFÍSICO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tias e desesperos que o assaltam quotidianamente. O homem torna-se um fantasma de si próprio, nem sequer vive, já que a vida trai todos os seus sonhos.

A própria estrutura da família, que alguns julgam construída em laços sólidos e inquebrantáveis, na cidade, quebra-se com a maior das facilidades. A mulher, na cidade, deixou de ser indispensável na vida económica do lar, pois os hotéis e pensões não faltam para satisfazer as necessidades do estômago e da higiene. Na aldeia, a mulher continua a ser o pilar onde assenta toda a vida doméstica. Ela é necessária para tratar das tarefas da cozinha e da roupa, tão necessária, pelo menos, como a vaca e o cavalo é indispensável na vida do lavrador. Isto não significa, contudo, que a vida na aldeia seja um mar de rosas. Deixemo-nos de fantasias; não resuscitemos a vida idílica campestre, pois sabemos que, em toda a parte, a vida sempre se traduz por luta incessante, uma luta sem misericórdia, sem piedade. Mas lá, um grito é sempre um grito, repercute como um eco nos ouvidos e corações dos outros, embora nem sempre se compreenda a razão desse grito.

Eu já um dia tive a ambição ou, se preferir, a veleidade de saber como vivem e morrem certas pessoas que encontro na cidade. Assim, corri todas as ruas, espreitei todas as portas, sondei todos os rostos, mas a cidade dir-se-ia envergonhada das suas dores e feridas, pois, as escondia dos olhares curiosos e importunos.

Ao cogitar no frenesim que arrasta as pessoas, nos nossos dias—essa nevrose colectiva—cada vez mais me convenceo que o tempo de que dispomos não chega para cada um tratar de si. Dizia-me, há dias, um amigo, que o isolamento mais doloroso de sofrer era, precisamente, o da cidade, o isolamento no meio da multidão.

Mas quem no meio da tempestade, se lembra dos naufragos. Os que mimosos de carne e frouxos de nervos se deixam abater no meio do temporal, são abandonados impiedosamente à sua sorte. Não há tempo para cuidar dos destruídos, não há tempo para pensar nos outros. Os verdadeiros dramas da cidade, os pequenos dramas, continuam inéditos, ocultos nas sombras da vergonha e ressentimento, à espera que surja um narrador capaz de lhes dar vida, de os trazer, ousadamente, para a luz.

Mas, narrador que se abalance a semelhante cometimento, deve possuir os sentidos de observação bem afinados para não desperdiçar o pormenor que, quase sempre, constitui, o essencial na tragédia humana. Esse narrador cuidará, principalmente, dos pequenos dramas, de tudo aquilo que os observadores superficiais desdenham ou nem sequer vêem. É necessário, pois, olharmos com maior atenção e, se possível, com carinho essas pequenas coisas que constituem o tecido de todas as vidas, da mesma maneira que os insignificantes segundos constituem a eternidade.

Aí está a cidade, desdobrando-se aos meus olhos, aniquilada de cansaço, à semelhança dum corpo exausto que adormece para recuperar as forças necessárias à freima do dia imediato.

Eu sinto bem, apesar desta calma aparente, as suas pulsações nervo-

sas, os seus sonhos agitados, as convulsões dum grande coração que não se equieta, nem se tranquiliza. Milhares de luzes cintilam na noite ardente de verão. O céu está escampo, semeado de outras luzes brilhantes, que tremulam na imensidade. Mas, na cidade, até o céu tem um significado que não tem para o aldeão. É como se a luz artificial disputasse a grandeza da luz que os astros irradiam.

O orgulhoso desafio do homem a todos os mistérios, a eterna luta do mito de Prometeu, a batalha eternamente recomçada, trazendo os mesmos sofrimentos e idênticas compensações.

Vendo-a daqui, a cidade, dir-se-ia um corpo abandonado, resolvido a satisfazer todos os caprichos e desejos. E correndo pelas suas ruas, olhando as portas cerradas, cruzando-me com corpos que se esgueiram pelas esquinas—toda a gente que se esconde e foge—eu tenho a verdadeira cidade, um mundo que se desconhece e que se hostiliza, um mundo que ainda não compreendeu ou ainda não conseguiu descobrir que a dor e a alegria são comuns a todos os homens—e que não existe melhor bálsamo do que a solidariedade que um ser humano presta a outro, quando esse se encontra em circunstâncias dramáticas.

E vós metafísicos, vós que inventais dores e sofrimentos; oh! metafísicos de todas as horas absurdas, de todas as dores imagináveis, organizadores dos sistemas mais belos e mais bem construídos, e dos mais inúteis que conheço; vós, metafísicos das estrelas de cartão, acrobatas dos pensamentos sem sangue e sem carne, vós que esgaravatais eternamente à volta das questões mais delicadas e ociosas, descei à cidade, forçai as portas, vinde ver como se vive e morre nas cidades do nosso século.

Juro-vos que não faltarão motivos para as vossas especulações e explorações do sofrimento humano! Mas, cuidado, impenitentes metafísicos, deixai-vos das vossas inúteis especulações, porque o sofrimento, a dor, falam mais alto do que todas as profundezas subitís dos vossos «porquês», e a dor humana já não encontra qualquer sedativo nas palavras que inútilmente continuais a oferecer à humanidade.

Rodrigues Pena

Martinho Rita Bexiga

CAMIONETAS DE ALUGUER

Telef. 244 ♦ OLHÃO

Agradece qualquer consulta sob fretes, ao que pode atender a qualquer hora do dia ou da noite.

RADIOTÉCNICO

Prezisa a Electro Victória J. P. S., Portimão. Indicar ordenado. Guarda-se sigillo se estiver empregado.



DESPORTO

HÓQUEI EM PATINS

IMORTAL — JUVENTUDE

CONVITE do Imortal, deslocou-se a Albufeira, no passado dia 21, a equipa vilarealense do Juventude que realizou com o grupo barlaventino, naquela vila, interessante partida de hóquei patinado.

O jogo, que despertou muito interesse no público daquela vila, decorreu nos primeiros 7 minutos, com grande equilíbrio, em toada de parada e resposta, com as duas equipas entusiasticamente em procura da marcação do primeiro tento.

O Imortal, porém, pouco a pouco, foi impondo certa superioridade e, num ápice, marcou quatro golos, o primeiro dos quais de grande penalidade.

A segunda parte começou com os vilarealenses ao ataque, muito rápidos e pletóricos de energia. E, assim, não causou estranheza que Cavaco e Salvador tivessem diminuído a diferença com dois golos resultantes de lances bem preparados e melhor concluídos.

Todavia, o Imortal, reagindo da melhor maneira, respondeu com dois tentos obtidos por Frutuoso.

Pouco depois, Faisca e Rosa voltaram a marcar para o Juventude e, logo a seguir, o Imortal conseguiu outros dois golos, estabelecendo o resultado final em 8-4.

Jogo disputado com muita correcção e boa arbitragem.

No Juventude todos cumpriram e no Imortal sobressaiu o trabalho excelente de Frutuoso.

Os grupos alinharam: Imortal: Gonçalves, Egídio, Helder Frutuoso e Victor.

Juventude: José Luis, Salvador, Cavaco, Faisca e Rosa.

Edite Cruz, nos intervalos, encontrou a assistência com alguns números do seu vasto repertório de patinagem artística.

Na sede da colectividade barlaventina foi servido um copo de água à equipa visitante que recebeu um lindo galhardete, como homenagem e lembrança dos seus adversários.

J. L.

Vende-se ou arrenda-se

Um prédio r/c com 10 compartimentos, com estabelecimento de mercearias e vinhos, ramada, palheiro, garagem, pocilgas, etc., nora, tanque anexo ao prédio, com terreno muito produtivo, que leva de semente 6 alqueires e com árvores mimosas.

Também se vende um carro com 4 rodas, em estado de novo, para passageiros e um cavalo;

Um carro de 2 rodas com capoeira e uma mula.

Quem pretender dirija-se ao proprietário António Vasco—Manta Rota—Vila Nova de Cacela.

Se V. Ex.ª visitar em PORTIMÃO o Salão de Chá e Pastelaria

SALOMÉ

a mais luxuosa e confortável do Algarve, terá a certeza de poder adquirir, além do mais fino doce de pastelaria, o melhor, o mais artístico e o mais regional doce do Algarve.

R. Dr. José J. Nunes, n.º 4 A, 6 e 8
Tel. 85 PORTIMÃO

A ILUSTRADORA LIMITADA

Rua de S. Paulo 232 LISBOA
TELEF. 25764

Foto-Zinco
TRICROMIA
FOTOGRAVURA
ZINCO-GRVURA
E
DESENHO

Taça «Comandante Luis C. de Figueiredo»

Na esplanada dos Bombeiros, as equipas locais do Juventude, Guadiana, Académico e Náutico, no passado dia 24, iniciaram um torneio, para a disputa de taça «Comandante Luis C. de Figueiredo», que tem decorrido com muito interesse e afluência de público.

Simultaneamente, começou também outro torneio entre as equipas infantis «Cavaleiro Andante», «Celeiro» e «Águias do Sul».

Os resultados da 1.ª jornada foram os seguintes:

Celeiro, 6-Águias do Sul, 2; Guadiana, 5-Náutico, 1; Juventude, 8-Académico, 4.

Na última sexta-feira, dia 27, realizou-se a segunda jornada dos referidos torneios, tendo-se verificado os resultados seguintes:

Celeiro, 2—C. Andante, 2
Guadiana, 5—Académico, 2
Juventude, 6—Náutico, 2

A seguir, damos breves notas dos últimos jogos:

Guadiana-Académico

Arbitro: Sr. Joaquim Ribeiro. Guadiana: Gamito, Rolla, Primitivo, Santos e S. Silva.

Académico: Cílio, Pescada, Campinas, Rosa e Brito.

S. Silva abriu o activo no primeiro minuto de jogo, pondo termo a um lance confuso junto da baliza de Cílio.

Momentos após, o Académico conseguiu empatar por intermédio de Brito, no melhor lance da partida, que nunca atingiu nível técnico por aí além. Pescada recebeu atrazado a bola sobre a direita, fintou, em corrida, dois adversários e cruzou rapidamente para o lado esquerdo. Brito «fechou» oportunamente e rematou fortíssimo, sem defesa.

Campinas, Rolla, Primitivo, Nunes e S. Silva marcaram os outros tentos.

Vitória merecida do Guadiana que foi, incontestavelmente, superior ao adversário pela força do seu binário Rolla Primitivo.

No Académico os melhores foram Pescada e Campinas.

Juventude-Náutico

Arbitro: Sr. Joaquim Ribeiro. Juventude: José Luis, Clemente, Cavaco, Faisca e Rosa.

Náutico: Ezequiel, Ruivo, Mateus, Coelho e Palma Ruivo.

Foi indiscutível a superioridade do Juventude que, além de servido por melhores elementos, é a equipa do torneio que mais procura o jogo de conjunto.

O primeiro meio tempo terminou com 5-0. Golos apontados por Rosa (2) e Faisca (3).

Na segunda parte, Rosa voltou a marcar pelo Juventude e Coelho e Ruivo pelo Náutico.

A equipa do Náutico, que há muito não viamos actuar, em nenhum período conseguiu sustentar o melhor jogo dos adversários. O grupo é capaz de melhorar mas, agora, joga completamente desarticulado e à base de esforços individuais.

O Juventude tem dois avançados que, sem egoísmos, procuram entender-se e um médio, Cavaco, que nos surpreende pela sua desenvoltura de movimentos, patinagem e trabalho de stique.

Celeiro-Cavaleiro Andante

Arbitro: Sr. Emilio Correia Ribeiro.

Celeiro: Luis Manuel, Victoriano, Pedro, Bringel e Corvo.

Cavaleiro Andante: Rosa, Xavier, J. Eduardo, Folque e Toledo.

O resultado de 2-2 com que finalizou a partida ajusta-se perfeitamente ao decorrer da partida, sempre entusiasticamente disputada pelos jovens simpáticos e habilidosos hoquistas.

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

| | J | V | E | P |
|-----------|---|---|----|----|
| Juventude | 2 | 2 | 15 | 6 |
| Guadiana | 2 | 2 | 8 | 4 |
| Náutico | 2 | — | 8 | 10 |
| Académico | 2 | — | 6 | 18 |

Terça-feira, dia 31

C. Andante-Águias do Sul
Académico-Náutico
Juventude-Guadiana

Sexta-feira, dia 3

Águias do Sul-Celeiro
Guadiana-Náutico
Juventude-Académico

A Ilustradora e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum útil e proveitosa publicidade.

CRÍTICA LITERÁRIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

me veio abalar o ânimo e a consciência.

Intercalei, no final do último artigo, este verso do poeta Correia de Oliveira:

Onde a figueira histórica rasteja...

Pois o amigo tipógrafo, tomando-me, talvez, por um partidário de Nehru, transformou a figueira em figura, naturalmente desconfiado que eu sou um Judas indiano...

Este lapso, a meu ver, colocou mal o lírico que fez o verso e a mim também, sobretudo perante a História e a Medicina.

O artigo fechava com uma evocação ao Infante Santo, e qualquer leitor, menos atilado, seria capaz de alvitrar que andava ali o dedo científico do sábio Egas Moniz, ou de outro qualquer hereje.

A verdade acima de tudo. A figura histórica do nobre Infante deixava-nos acorrentados ao pelourinho da História.

É possível que o solitário de Sagres tivesse qualquer tique fisiológico, mas não o histórico. Dessa calúnia, certamente, estamos os três livres—o poeta, o jornalista e o revisor...

A crítica literária teve em mim, há cinquenta anos, no «Heraldo», de Tavira, um cultor imparcial.

O jornalista António Santos, com excelentes aptidões de literato e boémio, encarregou-me dessa secção, que findou com o desaparecimento inesperado desse interessante semanário algarvio.

O Santos, mais tarde, regressou ao Algarve e iniciou, em Faro, a publicação do «Correio do Sul», que ainda conserva a mesma feição literária regionalista.

António Santos voltou a pedir-me para criticar os livros que ia recebendo. O meu trabalho profissional aumentou, e a família também. Só lhe mandei duas críticas, que ele fez inserir na primeira página do jornal. Tratava-se do livro de Mayer Garção—«Cem Sonetos».

Era um jornalista amigo e por quem eu nutria uma justa admiração.

Não hesitei. Nos dois artigos fiz uma análise demorada às deficiências que encontrei, filhas naturalmente da pressa com que o erudito coleccionador realizara o seu trabalho.

Primeiro apreciei os sonetistas portugueses, injustamente esquecidos; depois, com conhecimentos abundantes dos sonetistas bra-

sileiros, aponte a Garção o seu descuido para com tantos cultores da poesia do Brasil, quando, dentro do citado número, podia ter incluído outros sonetos. Conhecendo a sua crença religiosa, apesar de ser um bom republicano, citava-lhe o caso de juntar cinco sonetos dos mesmos autores, o que acusava a sua preocupação com as cinco chagas de Cristo...

Os dois artigos fizeram sensação e vários poetas me escreveram a felicitar, destacadamente três sonetistas de valor: Ernesto Cabrita, Acácio de Paiva e Cândido Guerreiro.

Dobaram-se longos anos sobre os factos e os homens que venho relembrar, todós envolvidos num véu de melancolia e saudade, exactamente na altura em que Portugal, sacudido por um tufo de maldade e prepotência, reage com altivez e patriotismo ao desafio dum potência vizinha que pretende arrebatar o que nós, como padrão histórico, temos sabido conservar através de séculos.

A civilização ocidental será dominada pela violência oriental? A quantidade brutal terá mais influência nos povos que a qualidade espiritual?

Tenho defronte dos olhos um livro repleto de patriotismo, pensado com fé e escrito com brilho. É um livro de expressões tocantes, sentidas, vividas e amadas, um livro que nos leva por essas regiões do continente negro, onde se ouvem os rugidos do leão e se vêem as pégadas do elefante.

O autor é um rapaz novo, ardente e sentimental, que sabe extrair da vida o muito que ela contém de bom e de mau.

O seu nome é Eduardo Fernandes de Matos, e o seu livro intitula-se «Viagem por terras de África».

Tem um sabor delicioso de poesia este livro de prosa musical e patriótica.

Marcos Algarve

PAPELARIA IDEAL

- DE -

JOAQUIM A. CORREIA

Rua 5 de Outubro, 20

TAVIRA

As últimas novidades literárias

Papelaria — Artigos Escolares

ENCADERNAÇÕES

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS

A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS

RAMOS & MATEUS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

LICORES, XAROPES e VINAGRES

TÉCNICOS, preparam-se, para trabalhar no Alentejo.

Indicar condições e casas onde têm trabalhado.

Resposta à nossa Redacção.

Holland-America Line



AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C.ª, L.ª

4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA

TELEF. 668037 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“EEMDYK”

carrega em LISBOA em 27 de SETEMBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DUIVENDYK» — 13 de Setembro

«LOCH GART» — 18 de Setembro

A ÚLTIMA CARTA... CARTA DE SINES

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

troca de impressões, nenhum esclarecimento resulta do encontro dos nossos argumentos, nenhuma faísca ressaltava do contacto dos nossos polos carregados de ideias opostas. O bom é acabar...

Mas, para que se não volte a dizer que eu respondo com menos exactidão à sua extensa carta, farei quanto possa para acompanhá-la parágrafo por parágrafo, por forma que, assim, nada fique omitido ou mal compreendido.

Diz o meu Amigo que eu bradei aos quatro ventos a sensacional aniquilação de um novo Quixote das Letras portuguesas, censurando-o pelas suas ligeiras deduções. Peço mil perdões, mas não é nada disso! Quem defende um ponto de vista, por muito errado que ele seja, não é forçosamente culpado de donquixotismo. Além disso, as suas deduções não são ligeiras — são antes pesadas, compactas, sólidas como a muralha que envolve a China. Infelizmente, o raciocínio puro e simples, por muito bem documentado que seja, não conduz necessariamente a conclusões exactas. Nem mesmo no campo das matemáticas, Sr. Rodrigues Pena, quanto mais no terreno movediço do Espírito e das Letras!

Já que assim me pede, vou tentar definir aquilo que entendo por uma «literatura eminentemente nacional». Eu chamo isso àquela literatura que, como a portuguesa, só tem produzido obras capazes de satisfazer o gosto e as necessidades dos leitores do seu País de origem. E, pois, e de ante-mão, uma literatura condenada a um limitado campo de influência, já que é impotente para conquistar a aceitação dos povos estrangeiros e, com ela, a consagração universal. E quer o meu Amigo admita ou não, só a Universalidade dá autentica e insofismável categoria ao passado ou ao presente das Letras de qualquer Civilização. A nossa literatura, explorando temas fundamentalmente nacionais, ou regionais, tornou-se impossível de ser apreciada ou compreendida pelos leitores de todos esses vastos Mundos, que existem para lá das nossas fronteiras geográficas. Estou certo de que o Sr. Rodrigues Pena concordará comigo em admitir que a ceifa alentejana — esse «poema épico»! — não tem, universalmente falando, o mesmo interesse e a mesma profundidade que teem, por exemplo, o problema da luta pelas terras do cacau ou os dramas em que assentava a vida, dura e cruel, dos pobres seringueiros. Sempre há uma certa distância humana...

Agora, leio eu na carta que o meu bom Amigo me dirigiu: «E o leitor atento, verá, pois, que esta concepção ultrapassa a mesquinha e a indigência duma literatura subordinada ao regional, confinada aos problemas da freguesia, que só consegue interessar meia dúzia de pessoas.» Esta frase podia ser da minha lavra, de tal maneira exprime e se ajusta ao meu conceito de «literatura regionalista.»

O facto de uma literatura universal implicar necessariamente um conteúdo nacional, não significa, nem mesmo pelo caminho do raciocínio ideal, que a inver-

sa seja igualmente verdadeira, isto é, que uma literatura de conteúdo nacional seja, por força, uma literatura universal. Ora a nossa tem um conteúdo tão enraizadamente nacional, tão entranhadamente regional, que não consegue, nem conseguirá, enquanto não modificar os padrões em que assenta, ganhar as esporas de ouro da Universalidade.

O meu Amigo diz que eu considero certos assuntos tabús para o romance. Não é exacto! Todos os assuntos são bons para encher trezentas páginas de um volume, mas nem todos são igualmente aceitáveis quando, a essa necessidade, se pretende acrescentar a exigência, bem mais difícil de alcançar, de sobre esse volume chamar as atenções do Mundo culto e realmente apreciador.

Diz o meu prezado Amigo, talvez em tom de censura ou de mofo, que eu sou fecundo em parábolas. É possível... Por vezes ajudamos tanto a fazer compreender as coisas e as ideias! Já Cristo as usava quando explicava aos Apóstolos os mistérios da Vida Eterna... Não me custa pois ser feril em parábolas — estou em excelentíssima companhia!

Às vezes, a simples alteração duma vírgula é quanto basta para modificar por completo o inteiro sentido dum texto. Veio-me à lembrança aquela velha e clássica frase que me ensinaram na Instrução Primária e que era pouco mais ou menos assim: um caçador tinha um cão e a mãe do caçador era também o pai do cão. Está recordado, não está? Ora vem isto a propósito desta frase, que a seguir transcrevo: «Basta-lhe (a mim) proclamar bem alto que a pobreza da nossa literatura se deve ao mau gosto dos nossos escritores se dedicarem a descrever a vida dos camponeses e pescadores.» O texto traduzirá fielmente a minha forma de pensar se tiver a gentileza de lhe introduzir uma leve modificação. Assim: «...a pobreza da nossa literatura se deve ao mau gosto dos nossos escritores se dedicarem só a descrever a vida dos camponeses e pescadores.» E repare que basta folhear uma lista de todas as obras das nossas Letras contemporâneas, para se aceitar como lógica e indispensável a inclusão daquele só naquela frase da sua carta.

Afirma o Sr. Rodrigues Pena que a burguezia é bem mais velha como tema literário, e que, no entanto, constitui ainda um bom manancial para os escritores. Não há dúvida acerca da maior antiguidade da burguezia como mote a glazar, mas não deve o meu caro Amigo esquecer que nem todos os temas se esgotam com a mesma facilidade, nem no mesmo espaço de tempo. Há os que duram mais e os que pouco resistem. Para nosso mal, a vida simples e sem solavancos do nosso camponês, pertence a esta última categoria!

Realmente, o Sr. Rodrigues Pena diz que «parece à primeira vista que não possuímos grande vocação para esse género de literatura (o romance)» fazendo a restrição de que «apreciações apressadas conduzem, por vezes, a conclusões erradas», mas logo abaixo afirma, e então sem nenhuma espécie de limitação, «que não temos uma tradição ro-

manesca». Como Pôncio Pilatos, no Credo, eu lavo as minhas mãos da sua maior ou menor coerência! E já agora, peço-lhe desculpa e licença para o desmentir: eu não escrevi em parte nenhuma que o meu estimado Amigo fazia a apologia da poesia épica. O que eu levei à impressão foi o seguinte, e que é bem diferente: concordo em absoluto em que a ceifa alentejana seja um autêntico poema épico, simplesmente acontece que essa afirmação, à força de dita e redita sob todas as formas literárias, acabou por transformar, muito prosaicamente, o «poema épico» numa grandíssima e insuportável estopada. Como se vê, não é bem a mesma coisa!

Já quase para o fim da sua longa carta, escreve o meu caro Amigo, que na nossa época se chocam diversas correntes e que, como tal, se encontra em embarras para saber qual delas representa a Verdade.

As verdades são muitas, Sr. Rodrigues Pena, tantas como os homens. Pode ser que elas tenham tendência para concorrer numa única, Absoluta, Intangível, que os nossos espíritos, imperfeitos e cheios de lacunas, não conseguem vislumbrar e, muito menos, definir dentro dos estreitos limites de inteligência e de compreensão que nos estão reservados. Cada uma das escolhas porque se guia, hoje em dia, a literatura é, para os seus criadores e para os que a seguem, um passo mais em busca dessa quimérica Verdade. Mas a Verdade de uns não é a de outros, e por isso há várias tendências, várias orientações, vários caminhos e várias correntes. Cada um escolherá aquele caminho que mais lhe agrada, e que mais lhe agrada porque mais fielmente simboliza e representa a sua própria e pessoal ansia de Verdade. Se tem dificuldade em determinar qual das modernas correntes do Espírito o levará mais junto da Verdade, lamento muito, meu Amigo, mas não poderei, nem eu nem ninguém, auxiliá-lo em busca duma rota que no seu coração e na sua sensibilidade devia ter os seus únicos guias.

E, como corolário da minha maneira de ver a questão, ressalta que é lógico que os Artistas andem às turras, apregoando na praça a excelência da sua escola ou corrente, precisamente porque sendo a Verdade uma entidade abstracta, imaterial, que nunca ninguém viu, sem forma e sem contornos, cada um esforça-se por defini-la à sua maneira, segundo a sua veia artística ou segundo a sua formação moral.

Talvez, Sr. Rodrigues Pena, por um raciocínio, não direi semelhante, mas pelo menos análogo, se possa explicar a razão porque, desde sempre, através de todos os Séculos, cada Povo, cada Raça e até mesmo cada Homem, tenha tido a sua maneira característica de justificar ou de entender a existência ou a não existência de Deus!

Se os nossos escritores, não desprezando as «realidades nacionais», como diz o meu caro Amigo, produzissem obra de valia — entendendo-se como tal aquela que sai fora do campo restrito onde nasceu, para conquistar novos auditores! — então sim, a estas horas eu já estava a dar a

mão à palmatória, a dar-lhe toda a razão e a repetir consigo que o romance português era, na realidade, uma forma literária com personalidade bem vencedora. Infelizmente verifica-se, independentemente de todas as determinações, que, com a matéria prima de que têm lançado mão, os nossos autores não têm conseguido realizar obra capaz de se impôr a um Mundo culto e ilustrado. E lá se vai por água abaixo toda a linda personalidade do nosso tão belo e característico romance!

Original é uma pessoa fora do comum. Original, para os nossos escritores, seria abandonarem, de uma vez para sempre, a única fonte onde têm ido servir a sua inspiração. Original, para o romance nacional, seria deixar em paz os problemas do camponês e do pescador, únicos assuntos onde têm alicerçado toda a sua insípida produção. Original seria deixar repousar o solo das Beiras e dos Alentejos, com certeza já cansados de darem tantos frutos e de serem tão explorados. Original seria os homens da planície subirem ao monte e confessarem como são corriqueiros e simplórios os problemas que afligem as nossas gentes, e que tanta tinta têm feito correr. Original seria quebrar a imensa monotonia desse interminável cortejo de «Zés», «Manéis» e Maria. Separar-nos de tudo isto, já tão estafado, e procurar outros campos e outros assuntos, isso sim, é que era originalidade, Sr. Rodrigues Pena, e é, precisamente, o que a nossa literatura não tem tido.

Vai longa, muito longa mesmo, esta minha última carta, mas acredito que teerei respondido ponto por ponto a todas as suas dúvidas. Muito ficou ainda por dizer, mas o «Notícias do Algarve» não é apenas meu, nem as suas colunas me pertencem por inteiro... Temos que limitar a nossa conversa e, por vezes, encurtar o raciocínio.

É claro que, como eu esperava, ao fim e ao cabo, o meu Amigo terá ficado com as suas convicções e eu com as minhas. De nada valeu todo o espaço gasto? Valeu, sim! Tudo vale a pena, quando a alma não é pequena. Ventilaram-se os assuntos, agitaram-se as ideias e, no fundo, no ar ficou uma poeira fertilizadora. Ficou, que mais não fosse, a prova irrefutável do nosso amor à causa da literatura portuguesa, amor que, exprimindo-se embora por formas diversas, não é menos sincero em mim do que no meu querido Amigo. A grande diferença é que, em mim, a cegueira dessa paixão pelas letras nacionais não me impede de apontar o que eu suponho serem as suas principais lacunas. É, a principal, aquela que suporta toda a responsabilidade da crise do nosso romance, é a sua falta de Universalidade. Esta é a verdade, que não tem discussão e não está dependente da minha ou da sua maneira de pensar.

O meu Amigo ficará com a sua demonstração. Eu fico com a realidade... P. S. — Um pingão vadio e inconveniente da nossa polémica — que niguém poderá acusar de menos elegante ou correcta — foi cair, por azar, num estranho

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

gura, admirando-se apenas de que o nosso Turismo não faça do nosso País o cartaz que a Natureza estaria indicando... Aqui em Sines é agora a maravilha das maravilhas, que a todos encanta, o Lar (ou Solar) S. Rafael, da pessoal iniciativa dum benemérito inteligente, com todas as comodidades e conforto que apeteçam a qualquer turista civilizado, e isto sem preços astronómicos... Sines tem por demais, além da praia de banho da sua angra própria, uma outra enseada, mais vasta ainda, e pelos solitários apetece, a praia de S. Torpes, a uns seis quilómetros para leste, — praia a cuja foza duma ribeira que ali vem dar — a da Junqueira — se prende uma lenda célebre — a da chegada de S. Torpes, um mártir cristão que fora mordom-mor do ferossíssimo Nero, em memória do qual se teria elevado no sítio, junto à praia, o primeiro templo cristão que existiu na Europa, — (aquele S. Torpes que uma falsa lenda deira como aportado à costa francesa meridional, à praia e povoação a que ficou o nome). Sines, terra liberal, donde D. Miguel embarcava para o exílio, tivera, séculos antes, a arribada de uma princesa bizantina, D. Vetácia, (que o vulgo deturpara em Vetaça e mesmo em Bataça), a qual, vinda de Espanha, com as pessoas do seu séquito e tendo sofrido grande perigo no mar, mandara por promessa erigir sobre a praia aonde haviam chegado, todas sãs e salvas, a ermida que, reconstruída mais tarde por Vasco da Gama, em estilo manuelino, se conserva ainda, sob outro aspecto, e que, com o nome visivelmente deturpado de ermida da Senhora das Salas, é centro da festa tradicional da localidade, com romaria, procissão e feira, em 15 deste mês, conforme há dias se verificou mais uma vez.

Pois para esta Sines, minúscula mas saudável, me habituei a vir, desde há anos já, passar as minhas férias de Agosto.

Vida panorâmica a minha, sem a dinâmica dos banhos nórdicos de mar e de sol, e, sobretudo, vida eremítica, em casa ou em toldo da praia, para a hígida concentração mental sobre problemas do meu desporto de espírito... Os dias tenhos-os, assim, levado contados e tenho-os sentido-os bem cheios de intenso trabalho, que não me fatiga todavia. Este ano, depois de uma aventureira digressão à Borgonha, (cujas peripécias e cuja substância cultural, o meu velho e querido amigo dr. Al-

CASINO DE MONTE BORDO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

cada praia, para finalizar com a eleição da melhor de todas, num grande espectáculo do «Arco Iris», da Feira Popular de Lisboa.

Podem, pois, começar a ensaiar-se as primas-donas da colónia balnear de Monte Bordo, estando recomendados os trinado e gorgeios à hora do banho, na prancha — onde nenhuma corre o risco de ser ouvida...

conta-gotas. Desculpe-me o meu bom Amigo se aproveito o resto do papel da carta que lhe escrevi, para este pequeno P. S. que a si se não refere.

Minha senhora, eu aperto todas as mãos que se me estendem porque, normalmente, só tarde demais venho a descobrir quais são as amigas e quais são as inimigas. E, apertando a sua, eu sempre lhe digo, para o caso, aliás improvável, de ainda me não ter compreendido: Não me enganei!

O que me desvalorizaria, como homem e, portanto, como ser racional dotado de pesadas obrigações, era, só por conveniência ou comodidade, esconder a evidência dos factos atrás dum patriotismo injustificado, para assim evitar o penoso trabalho de procurar corrigir aquilo que eu sei que não está bem.

De acordo, não é?

Mendes Leal

berto Xavier vai recolher, (desde o próximo Setembro, no seu Cronista), trouxe para aqui uma autêntica floresta de problemas, suscitados pelo aprofundamento das origens da arte românica, e que me levaram à exploração sistemática de todo o campo europeu, desde as invasões bárbaras do Norte, nos primeiros séculos da Idade Média, até ao ano mil! Todos estes dias, ou quase todos, as novidades que se me deparam são da maior transcendência cultural e, para a minha ignorância, coisas em seu nunca mesmo ouvia falar...

Mas, para não ser tudo ciência só (embora relativa história da Arte), trouxe também, na reduzida bagagem lírica — para as horas vagas — os 4 voluminhos de obras de Heine, na tradução francesa que ele próprio fizera, ajudado, segundo se diz, pelo seu amigo Gerard de Nerval. E assim, aos lieder do Intermezzo lírico, a cuja letra alemã, Roberta Schumann, como se sabe, aplicara a música de sua invenção, universalmente admirada pelo seu profundo encanto poético, lembrei-me eu, outro dia à tarde, ali na praia, (e apesar do tonitruante alto-falante que vomitava, a pedido, um variado repertório de fados da Amália, e canções fúteis, cómicas, sentimentais ou de brasileiro requiebro capcioso) — de pescar do meu labirinto interior, a música para essa letra francesa, assim também original, dos mesmos lieder: começando pelo 1.º — o do esplêndido mês de Maio, — irei entrar esta tarde pelo 7.º, em que o poeta diz: je voudrais plonger mon âme dans le calice d'un lis blanc...

Sendo hoje 20 de Agosto, quero recordar que, precisamente nesta data, faz um século que morreu o grande filósofo germânico Schelling, na Suíça, em Ragaz, onde, em 1947, tive ocasião de ver o seu túmulo, com o belo monumento que o rei da Baviera, Maximiano II, seu discípulo, mandara erigir ali «ao seu querido professor». Este centário, não me admira que passe despercebido ao Portugal cultural... Mas para que não ficasse de toda esquecido, quis deixá-lo indicado neste «Notícias do Algarve» onde vivemos, como ficará registado devidamente em «O Cronista» do próximo dia 28, para onde, com a clássica vénia, remeto (sem reclamo, bem entendido) quantos curiosos se interessem por essa ninharia histórico-filosófica...

Sines, 20 de Agosto de 1954

Francisco Fernandes Lopes

Acto de honradez

COMUNICA-NOS o nosso prezado assinante sr. Manuel Viegas da Graça, um acto de honestidade que temos o maior prazer em tornar público, pois revela a boa formação moral e honradez de um nosso jovem conterrâneo.

Tendo aquele senhor, negociante de peixe nesta vila, perdido, há dias, uma carteira contendo 15.000\$00 em dinheiro e vários outros valores e documentos, foi a mesma achada na via pública por Carlos Ventura Palmeta Ferreira, de 11 anos, filho de Carlos Ferreira e da sr.ª Anaís Currito. Não obstante ser filho de pessoas modestas, que vivem com míngua de recursos, apressou-se a averiguar a quem pertencia a carteira, indo entregá-la, na companhia de seu pai, ao legítimo dono.

Quis o sr. Manuel da Graça premiar a honestidade do pequeno Carlos Ferreira, oferecendo-lhe mil escudos de recompensa — mas o seu acto, revelador dos bons sentimentos de quem o praticou, deve ter constituído, para seus pais, o melhor prémio e o mais justificado motivo de orgulho.

Pesca Desportiva em Lagos

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Segundo nos informa o Clube organizador, é aconselhável que os concorrentes mandem reservar os seus alojamentos com antecedência, ou que solicitem, também com antecedência, àquele Clube, que lhes arranjam engodadores, engodo, transporte privativo para os pesqueiros, etc., pois há uma Comissão criada especialmente para facilitar ao máximo tudo de que careçam os concorrentes.

É de crer que o Clube de Vela de Lagos, prestigiosa colectividade que tem desenvolvido, desde que se fundou, uma acção verdadeiramente brilhante, consiga, com o certame anunciado, mais um notável êxito.